

Tempos

Eleonora Santa Rosa (*)

úmeros são os desafios. Muito há por fazer. Discernimento, bom senso e diálogo: ferramentas fundamentais na construção de um trabalho consistente e de frutos duradouros.

Para tudo seu momento/E tempo para todo evento/Tempo de plantar/Tempo de curar/Tempo de construir.

Não se constrói uma gestão com base no voluntarismo individualista, mas com escuta plural e reflexão maturada. Gracian já nos ensinava em seu precioso e atualíssimo *A Arte da Prudência*, que aos 20 anos reina a vontade, aos 30 engenho, aos 40 juízo. O entendimento é mais do que necessário, essencial. Tempo de dialogar.

O mestre aconselhava também: *Não entrar com demasiada expectativa. Ordinaro desaire de tudo o que é muito celebrado antes é não chegar depois ao excesso do que foi concebido. Melhor resulta quando a realidade excede o conceito e é mais do que se acreditou.* Tempo de dividir responsabilidades.

Um dos maiores desafios a curto prazo é a conjugação de esforços para a superação de problemas estruturais e distorções que afetam o setor cultural no seu todo. Os trabalhadores da cultura não se assustam com as carências e dificuldades. A adversidade sempre foi uma condição, que acabou por forjar uma resistência, no mínimo, heróica, para não dizer inacreditável. Táticas e formas de ação e inserção particulares deram lastro para que fosse possível sobreviver a marés pouco favoráveis. Tempo de navegar.

O compromisso desta gestão, respaldada no interesse e no entendimento que Cultura é gênero de primeira necessidade, é trabalhar em parceria, em sintonia, em articulação, em somatória de esforços. Cultura como mola propulsora e não apenas vitrine, cultura comprometida com a transformação da realidade, cultura na sua dimensão transversal, cultura como aglutinadora, cultura na sua dimensão patrimonial e emergente. Raízes e conexões, futuro construído com respeito à memória, identidade advinda da história, contemporaneidade

formada na base cultural extraordinária e dilacerada do Barroco, que nos particulariza e eterniza. Diversidade de linguagens e territórios outros de criação, em consonância com o novo. Novos horizontes. Minas em minas, Minas no Brasil, Minas no mundo. Tempo de conectar passado/presente/futuro.

Inclusão cultural, esta a síntese da gestão que ora se inicia. Promover a descentralização, possibilitar que a maciça faixa da sociedade apartada de qualquer direito tenha o direito de ter acesso ao que nos torna cidadãos. Isso nos faz pensar em novos modos de entender o processo de produção, distribuição e fruição cultural, entendido como direito básico de todos. Helena Katz, em artigo mais do que lúcido, apontava que *o Brasil sofre não só de uma injusta distribuição de renda, mas injusta distribuição de tudo, inclusive de cultura. Nas suas palavras: quando a fome se torna cotidiana, o organismo fica danificado, às vezes irreversivelmente. Há também a subnutrição e desnutrição cultural e tanto numa fome como na outra, a solução é a mesma, ou seja, precisa-se buscar modos de promover abastecimento e distribuição amplos, gerais e irrestritos. Um cidadão que tem acesso à produção artística de seu tempo consegue enfrentar com mais clareza a complexidade de sua vida e qualifica-se a aprender e reivindicar melhor a sua participação na sociedade.* Tempo de partilhar.

Nesse sentido, a ênfase dessa gestão, na linha de trabalho que vem sendo desenvolvida pelo Governo do Estado, é na criação dos sistemas de abastecimento cultural, como bem definiu Maurício Andrés Ribeiro, capazes de dar acesso aos produtos culturais, entendendo e potencializando cada uma de suas etapas – produção, processamento, armazenagem, distribuição, uso e consumo final. A compreensão da operação desses sistemas auxiliará o Governo a ter uma ação mais eficaz, seja em termos de planejamento de políticas públicas e estabelecimento de prioridades, sobretudo num Estado como o nosso, extenso e di-



verso. Tempo de mudar o foco.

Cultura é o território privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, do conflito, da diferença. Do verbo, mas também da verba. Cultura se faz com recursos. O compromisso é o de buscar as alternativas onde quer que existam: no governo, na sociedade, em parcerias, em instituições internacionais, no mercado. Tudo ao mesmo tempo agora, com a colaboração de todos. Tempo de compartilhar as fontes.

Não seria possível terminar sem mencionar o respeito e a consideração que tenho pelos funcionários públicos das fundações e do sistema operacional de cultura que se dedicam com afincos e amor, em condições, às vezes, mais do que adversas, ao trabalho duro e, muitas vezes, não reconhecido na dimensão e significado devidos.

Não é tempo de vagas promessas, mas de estabelecimento de diretrizes factíveis e de ações práticas responsáveis e plausíveis no âmbito governamental. Tempo de reconhecer os esforços e construir o entendimento.

Nas palavras finais, agradecimentos necessários àqueles que me ensinaram e ensinam sempre... A todos aqueles com quem tive oportunidade de aprender e renovar idéias, práticas e projetos. Tempo de agradecer.

Uma promessa é possível fazer, sem riscos: esta será uma gestão de trabalho, trabalho e trabalho. Lealdade, compromisso, compartilhamento, dedicação, diálogo serão as pedras de toque. Tempo de esperança.

(*) Eleonora Santa Rosa é Secretária de Estado da Cultura de Minas Gerais. O artigo foi extraído de seu discurso de posse.

